

## **Geografias da vida noturna: Uma experiência de pesquisa**

### **Nightlife Geographies: A research experience**

Marcelo Custódio Pereira<sup>1</sup>

Nécio Turra Neto<sup>2</sup>

Antônio Bernardes<sup>3</sup>

#### **Resumo**

O texto que aqui se apresenta procura trazer uma discussão sobre a relação entre lógicas econômicas e práticas espaciais ligadas à oferta de vida noturna, entendida como tempo-espço privilegiado das culturas juvenis. Um conjunto de pesquisas de vários níveis foi desenvolvido como parte de um projeto coletivo maior em cidades médias do interior do Brasil. Para que houvesse comparabilidade entre as pesquisas, foram adotados os mesmos procedimentos metodológicos, com poucas variações, dependendo da cidade ou do grau de aprofundamento das pesquisas individuais. Tais procedimentos reuniram netnografia, pesquisa exploratória, observação participante, questionário e entrevista, constituindo a parte central do texto. Por fim, o texto apresenta algumas das conclusões decorrentes desse estudo comparativo, em que se articula a oferta de vida noturna aos processos mais amplos de produção do espaço urbano das cidades estudadas, cuja tendência hegemônica aponta para a fragmentação socioespacial.

**Palavras chave:** Diversão Noturna; Culturas Juvenis; Metodologia de Pesquisa; Fragmentação Socioespacial.

#### **Abstract**

This paper aims to discuss the relationship between economic logics and spatial practices linked to the nightlife offer, understood as a privileged time-space for youth cultures. A set of multi-level researches was developed as part of a larger collective project in some middle size cities in Brazil. In order to ensure comparability between the researches, the same methodological procedures were adopted, with few variations, according to the city size or the depth of the individual researches. The procedures brought

---

<sup>1</sup> Licenciado (2012), Bacharel (2013) e Mestre (2016) em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (FCT UNESP de Presidente Prudente - SP).

<sup>2</sup> Graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina, Mestrado e Doutorado em Geografia, pela Universidade Estadual Paulista. Professor Assistente da Universidade Estadual Paulista (UNESP Presidente Prudente). Membro Rede de Estudos e Pesquisas sobre Experiências e Ações Juvenis (REAJ).

<sup>3</sup> Professor do Programa de Pós-graduação em Geografia, Campos dos Goytacazes-RJ, e do Departamento de Geografia e Políticas Públicas da Universidade Federal Fluminense, Angra dos Reis. Graduação, Doutorado e estágio Pós-doutoral em Geografia pela UNESP, campus de Presidente Prudente-SP.

together netnography, exploratory research, participant observation, questionnaires and interviews. They are the central part of the text. Finally, the paper presents some of the conclusions from this comparative study, which nightlife offer is articulated to the broader processes of urban space production of the studied cities, whose hegemonic tendency points to socio-spatial fragmentation.

**Keywords:** Night Time Entertainment; Youth Cultures; Research Methodology; Socio-spatial Fragmentation.

## Introdução

Nossa proposta de discussão neste texto, parte dos pressupostos teóricos propostos no Projeto Temático FAPESP “*Lógicas Econômicas e Práticas Espaciais Contemporâneas: cidades médias e consumo*”<sup>4</sup>, a partir do qual procuramos olhar para as relações entre lógicas econômicas e práticas espaciais de um público específico, aquele constituído pelos jovens habitantes das cidades, em suas experiências do tempo livre, o que nos conduziu para o estudo da vida noturna, sendo está uma das frentes de trabalho do referido projeto.

Neste projeto, o estudo da diversão noturna seguiu procedimentos mais ou menos padronizados para as seis cidades pesquisadas e são estes procedimentos que pretendemos apresentar aqui, bem como algumas das conclusões resultantes do conjunto das pesquisas ligadas a esta frente de trabalho – sejam de iniciação científica, sejam de pós-graduação. Os procedimentos se pautaram em observação sistemática da dinâmica das cidades à noite, observação participante (etnografia) em estabelecimentos selecionados, aplicação de questionários com jovens consumidores, bem como realização de entrevistas com empresários, trabalhadores e consumidores/frequentadores da noite. Antecedendo a estas estratégias metodológicas utilizamos alguns procedimentos de netnografia, a etnografia das redes sociais virtuais, como uma forma de primeira aproximação dos sujeitos e identificação das áreas da cidade com concentração de oferta de vida noturna, bem como dos estabelecimentos mais luminosos – aqueles que tinham poder de atração dos maiores fluxos de consumidores à noite.

Inicialmente, ainda aqui na introdução, apresentamos os principais pressupostos teóricos que articularam o estudo da diversão noturna aos estudos de juventudes, assim como seus rebatimentos nos processos de produção do espaço urbano. Na sequência, trazemos o que é o foco

---

<sup>4</sup> Projeto Temático FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) intitulado “*Lógicas Econômicas e Práticas Espaciais Contemporâneas: cidades médias e consumo*” executado pelos membros do GASPERR (Grupo de Pesquisa Produção do Espaço e Redefinições Regionais), do qual fazemos parte. O Projeto abarca seis cidades: Presidente Prudente, Marília, São Carlos, São José do Rio Preto e Ribeirão Preto, em São Paulo e Londrina, no Paraná e foi realizado entre 2012 e 2017.

central do texto, que são os procedimentos metodológicos, apresentando a sequência seguida para o conjunto das cidades estudadas. Para falarmos dos procedimentos mais qualitativos, trazemos um exemplo concreto de como a pesquisa exploratória e, mais particularmente, a observação participante foram desenvolvidas em uma cidade específica – Londrina, no Paraná. Por fim, trazemos algumas das conclusões a que o conjunto da pesquisa nas seis cidades do Projeto Temático nos permitiu chegar.

Na ciência geográfica, mais especificamente na Geografia Urbana, a discussão sobre a produção do espaço é central e o entendimento dos agentes produtores, bem como dos elementos que o compõem tem concentrado a atenção dos estudos. Em nossas investigações, buscamos entender algumas dessas facetas, correlacionando as lógicas econômicas tradicionais, que regem a produção do espaço urbano e as temporalidades da vida noturna, que possui dinâmicas e lógicas que lhe são características.

Sem nos aprofundarmos nessa discussão específica do campo, podemos dizer que as áreas das cidades que possuem uma concentração de estabelecimentos de comércio e serviços acabam formando uma área central. Se nesta área se concentram estabelecimentos de um mesmo ramo, forma-se o que Corrêa (2004) chamou de “magnetismo funcional”, ou seja, uma aglomeração que gera dupla atração: do público, que se beneficia da proximidade e da diversidade no mesmo local; e, a dos empresários do ramo, que se beneficiariam do fluxo gerado pelos seus concorrentes.

Toda área central, independentemente de ser especializada ou não, tem como qualidade certa centralidade, que é justamente o poder de atração de fluxos. Este poder varia da escala do bairro, passando pela escala da cidade como um todo, podendo chegar à escala regional e mesmo nacional e internacional, dependendo da importância da cidade. Em síntese, o processo de concentração de atividades comerciais e de serviços em certas áreas da cidade cria como forma urbana uma área central que, por sua vez, exerce centralidade.

Até muito recentemente, cidades médias brasileiras (ou áreas não metropolitanas)<sup>5</sup> tinham uma estrutura urbana baseada na presença de um único centro principal (com centralidade que as

---

<sup>5</sup> Segundo Sposito (2001b) e Sobarzo (2008), para definir uma cidade média, o critério demográfico – tamanho da população – é apenas uma primeira aproximação, pois na verdade são os papéis urbanos que devem ser considerados na definição de um conceito de cidade média, ou seja, suas interações espaciais com outras cidades e com sua área rural; e nem sempre há correspondência direta entre tamanho demográfico e papéis urbanos. Para definir cidade média é necessário considerar a situação geográfica em duas escalas, a da proximidade e a da conectividade (a região e as redes). O consumo tem um papel estruturador dos papéis intermediários da cidade e as cidades médias são espaços interessantes para capturar os consumidores das cidades pequenas de uma região. Em síntese, a ideia de cidade média se refere menos ao tamanho e mais aos papéis de intermediação que a cidade desempenha entre uma rede de cidades de mesmo porte, distantes, e as metrópoles nacionais, por um lado e, por outro, uma série de pequenas cidades que estão em sua área de influência. Ainda que algumas dessas cidades, no Brasil, sejam consideradas cidades centrais em

vezes chegava à escala regional) e, quando muito, alguns subcentros de bairro, com menor poder de centralidade. Esta situação tem se alterado, a partir da década de 1990, com a chegada nessas cidades de novas formas comerciais, de novos conteúdos e agentes econômicos, que atuam em escala nacional e internacional. Estamos nos referindo mais especificamente a hipermercados, *shopping centers*, franquias, formas e conteúdos antes restritos aos grandes centros urbanos. Formas comerciais e novos agentes que não vão mais disputar espaço no centro principal da cidade, mas sim criar seus próprios centros, muitas vezes em concorrência com as áreas centrais mais antigas e consolidadas (SPOSITO, 2001a). Aliado a isto, também novas formas de *habitat* passam a ser identificadas nestes espaços urbanos não metropolitanos, como os condomínios horizontais fechados, muitas vezes estendendo a cidade para além dela mesma, em busca de amenidades como áreas verdes, rios e lagos.

Segundo Sposito e Goes (2013), a combinação destes novos elementos promoveu uma reestruturação das cidades de tal monta que reconfigurou o que se pode entender como periferia, bem como ampliou as desigualdades já presentes nessas cidades. Para as autoras, quando a segregação socioespacial imposta à população urbana mais pobre se viu potencializada pela auto segregação em condomínios fechados e pela existência de áreas centrais fechadas e/ou segmentadas segundo os estratos de renda, emergiu uma cidade mais complexa, que já não pode mais ser explicada pela polarização centro-periferia, nem pelo conceito de segregação socioespacial (cujo foco são apenas as áreas residenciais), pois se trata agora de uma cidade que se fragmenta no plano físico-territorial e no plano da sociedade. Nesse sentido, as autoras advogam pela necessidade de pensarmos esse novo espaço urbano pelo conceito de fragmentação socioespacial (um processo altamente complexo de produção da diferenciação e da desigualdade, em que os cidadãos ficam restritos ou são restringidos a seus próprios nichos de circulação e convivência, em que a presença do Outro se torna uma ameaça. Emerge assim, uma nova experiência urbana nas cidades do interior do país) o que é particularmente verdadeiro para as classes sociais de maiores rendimentos.

Segundo Dal Pozzo (2011), com base em Sposito, segregação e fragmentação socioespaciais são processos que têm a mesma natureza, visto que promovem a separação, a apartação (SPOSITO, 1996), entre as diferentes classes sociais no espaço urbano, sendo a fragmentação socioespacial um acirramento dessa apartação que incorpora, além da separação entre locais de moradia distantes e/ou desconectados, as práticas espaciais seletivas de apropriação dos espaços

---

regiões metropolitanas, do ponto de vista dos seus papéis na rede urbana mais ampla, não desempenham papéis de metrópole, mas de cidades intermediárias, como é o caso de Londrina, que iremos apresentar.

da cidade, o que envolve os locais de consumo, como as novas e as velhas áreas centrais. Tais processos, pelo que o mesmo autor tem constatado em outro estudo (DAL POZZO, 2015)<sup>6</sup>, parecem se acentuar conforme aumentam a dimensão da cidade e a complexidade do seu espaço intraurbano.

Essas lógicas comumente observadas na economia urbana diurna também se apresentam na dinâmica da economia da vida noturna, uma vez que ela, cada vez mais, tem sido orientada por uma oferta proporcionada por agentes econômicos que atuam em diferentes escalas (levando para um conjunto amplo de cidades os mesmos formatos de diversão). Assim, diferente do que argumenta Margulis (1997), defendemos a tese de que, à noite, não emerge propriamente uma outra cidade, ainda que outros sejam os significados atribuídos na sua apropriação e consumo, mas que uma “economia da vida noturna” (SHAW, 2014) tende a reforçar, em linhas gerais, os processos mais amplos de produção do espaço urbano, jogando o jogo das distinções sociais, seja na seleção de áreas de implantação de novos investimentos e de público alvo, seja nas estratégias de *marketing* e nos formatos de diversão, vendidos como modernos e metropolitanos.

Por outro lado, concordamos com Margulis (1997) quando argumenta que a noite tem um corte geracional, que a noite é um tempo dos jovens. Um tempo de refúgio aos ditames do mundo adulto, em que se pode exercitar alguma independência; ainda que esta independência seja mera ilusão, visto que tanto o autor, quanto as pesquisas que desenvolvemos apontam para uma captura da vida noturna pela oferta de uma festa cada vez mais programada, segura e excludente.

Há um consenso entre estudiosos de juventudes (PALLARÉS e FEIXA, 2000; CÓMAS ARNOUD, 2000; PAIS, 2003) de que as culturas juvenis são culturas do tempo livre. São momentos em que os coletivos juvenis podem estar reunidos, em tempos e espaços que lhes são próprios, sem a presença dos adultos (sejam eles os pais, os professores ou os patrões, por exemplo). É assim que os grupalismos juvenis vão ser mais visíveis nas cidades aos finais de semana e durante a noite.

É importante frisar que tal uso do tempo livre noturno pelos jovens, como forma de reunião festiva entre iguais, em que se produzem e se exercitam culturas juvenis, foi uma conquista das últimas gerações, mais especificamente a partir da década de 1970, em cidades do interior do país.

As pesquisas de Turra Neto (2014; 2012) apontam que até pelo menos a década de 1970, a sociabilidade juvenil em cidades como Presidente Prudente-SP e Guarapuava-PR não contava com tempos e espaços específicos. Nestas cidades médias do interior, longe dos grandes centros

---

<sup>6</sup> Em pesquisa também desenvolvida como parte do Projeto Temático Fapesp, mas em outra de suas frentes.

urbanos, a igreja, a família e o trabalho organizavam a vida social. Não é à toa que o passeio na praça – uma prática conhecida popularmente como *footing* (acontecia com maior animação no domingo no final da tarde, após a missa, como uma atividade de toda a família). Contudo, sobretudo, na segunda metade da década, com a maior difusão da televisão e dos aparelhos de som, estas cidades vêm emergir uma cultura juvenil classe média, ligada ao consumo de bens culturais e que vai demandar tempos e espaços específicos. Nestas cidades, o autor identificou o surgimento de lanchonetes e casas noturnas, bem como a maior presença do automóvel nas dinâmicas da sociabilidade juvenil. A igreja, o trabalho e a família já não desempenhavam papéis centrais na sociabilidade, ao passo que jovens de classe média conquistavam cada vez mais o sábado à noite. Dessa forma, as cidades estudadas pelo autor conheceram a implantação de estabelecimentos voltados à diversão noturna, que reforçaram a distinção de uma cultura juvenil no interior das sociedades locais<sup>7</sup>.

Desse modo, ao estudarmos o tempo livre aliado à oferta de lazer noturno, estamos direcionando nossa atenção para aquelas culturas juvenis que têm como *locus* de sociabilidade os espaços atualmente estruturados para receber as práticas de diversão juvenis mediadas pelo consumo: bares, *baladas*, *pubs*, *clubs* e suas derivações. Trata-se de uma oferta que produz espaços, ao mesmo tempo em que fundamenta as práticas que lhes dão conteúdo.

Emerge assim uma “economia do ócio” (CÓMAS ARNOUD, 2000), que faz com que as práticas de diversão se deem em espaços de consumo, ao mesmo tempo, passa a ser possível identificar nas cidades do interior certa especialização de áreas em que se concentra esta oferta, produzindo áreas centrais de diversão noturna, espaços altamente luminosos no conjunto da cidade à noite. Magnani (2005; 1992), estudando o lazer na metrópole paulista, nomeou estes mesmos espaços de “manchas de lazer”, com uma preocupação em estudar suas inerentes dinâmicas socioculturais. Além desse formato mais coeso, indicado pelo termo *mancha*, Magnani (2005; 1992) também se utilizou de outras expressões espaciais, como *trajetos* e *circuitos*, para falar de práticas espaciais que conectam pontos de concentração de vida noturna na metrópole.

Com isso, relacionamos, na pesquisa como um todo, as culturas juvenis, a diversão noturna e seus espaços nas cidades, o tempo do ócio e as propostas de Magnani de *mancha* e *circuitos*, tendo como objetivo entender como as práticas espaciais de jovens cidadãos no momento do

---

<sup>7</sup> Processos semelhantes foram também identificados nas cidades espanholas no mesmo período, como apontam Feixa (1998), Pallares e Feixa (2000) e Comas-Arnaud (2000).

tempo livre dialogam com as reestruturações contemporâneas das cidades, subvertendo, reforçando ou dialogando com as tendências de fragmentação socioespacial<sup>8</sup>.

Para alguns autores, as manchas de lazer são espaços de espetáculo urbano e da cultura de massa, nos quais os jovens, sobretudo, são socializados em dinâmicas globalizantes e em novos padrões de consumo cultural (DIÓGENES, 1998; CASTRO, 2004). Nelas, está a maior movimentação da cidade, nos finais de semana à noite e, para elas, afluem consumidores de diferentes filiações sociais, culturais e territoriais. Para que os moradores das periferias pobres das cidades participem desse movimento, devem realizar grandes investimentos no plano do consumo (de bens culturais, de meios de transporte, do próprio espaço urbano), às vezes muito além de suas possibilidades concretas. Ao mesmo tempo, sua presença, sempre indesejada, é um sinal de popularização dos novos espaços de concentração, alterando o conteúdo de suas centralidades, o que aponta para tensões de diversas ordens e para o emprego de outras estratégias de evitação que não apenas a separação espacial.

Por outro lado, jovens de classes de renda média e alta têm maior mobilidade e podem circular intensamente pela cidade, não necessitando filiar-se a nenhum espaço específico. Estudar as novas centralidades do lazer noturno, ou as manchas de lazer, e suas configurações em cidades médias, como uma das frentes da pesquisa do Projeto Temático FAPESP, certamente não nos deu acesso à totalidade das práticas espaciais juvenis, mas tão somente àquelas práticas em que imperam o consumo e as imagens-símbolo do que é ser moderno e estar em sintonia com a vida urbana dos grandes centros. Outras tantas práticas espaciais juvenis ficaram excluídas do foco da pesquisa, visto que excluídas dos próprios espaços de consumo de vida noturna e, portanto, não participam da relação entre lógicas econômicas e práticas espaciais, ou não são práticas que respondem às demandas, ou reforçam as intencionalidades, dos agentes econômicos que ofertam vida noturna nas cidades<sup>9</sup>. Estudamos, enfim, o que se convencionou chamar de *mainstream*, uma categoria que se

---

<sup>8</sup> Não podemos perder de vista que, em cidades médias, as opções são bem mais limitadas do que em espaços metropolitanos, o que pode concorrer para que se imponha uma maior mistura social, revelando uma particularidade desse conjunto de cidades ao compará-las com outras maiores.

<sup>9</sup> O que não significa que jovens de camadas mais baixas de renda e moradores de periferias pobres não se façam presentes nestes espaços mais luminosos de diversão noturna, como veremos adiante. Ramos (2017), em sua tese desenvolvida também no âmbito do Projeto Temático, identificou que alguns sujeitos possuem o que ele chamou de “passaporte de classe”, sobretudo, as meninas cuja boa aparência franquia o acesso às casas noturnas. Certas casas fazem promoções que garantem o acesso livre às jovens mulheres, desde que cheguem até certo horário, ou lhes oferecem bebida sem custo (também dentro de um horário determinado). Esta é uma estratégia para atrair público feminino que, por sua vez, atrai público masculino, que é quem acaba sendo o principal consumidor da casa, como identificou também Custódio Pereira (2016), em pesquisa de mestrado ligada ao Projeto Temático. Nesse sentido, a vida noturna *mainstream*, além do que Margulis (1997) reconhece (como sendo segregacionista por classe social), é também altamente sexista.

aplica “[...] às ‘maiorias convencionais’ que não se estruturam em torno de um gosto musical seletivo e não se recusam à mídia e ao consumo” (ALMEIDA e TRACY, 2003, p. 181).

Ao desenvolvermos esta frente de pesquisa, pensávamos trazer uma contribuição significativa para efetivação do seguinte objetivo, estabelecido no âmbito do Projeto Temático: “Compreender as práticas espaciais decorrentes das reestruturações urbana e da cidade, com enfoque naquelas práticas ligadas especificamente ao consumo de bens culturais e ao consumo do espaço urbano, pelo estudo das novas centralidades em cidades médias” (SPOSITO, 2011, p. 22).

Apresentados estes pressupostos teóricos, passamos nas próximas seções do texto a expor os procedimentos pelos quais estudamos as dinâmicas da vida noturna das seis cidades médias foco do Projeto Temático que, como já visto, reuniram diferentes estratégias, algumas mais formais, como questionários e entrevistas, outras menos estruturadas como netnografia e observação participante. Em relação a esta última, traremos o relato de um estudo de caso na cidade de Londrina, em que um dos autores do texto fez um mergulho etnográfico na dinâmica interna de quatro casas noturnas da cidade.

### **Primeira aproximação: A etnografia das redes sociais virtuais**

Dentre as seis cidades estudadas pelo Projeto Temático FAPESP, a cidade de Presidente Prudente merece uma ressalva importante. Como foi a cidade em que boa parte dos pesquisadores estavam sediados, ela foi a primeira a ser estudada, sendo uma espécie de laboratório para as metodologias de pesquisa desenvolvidas, assim como para o delineamento das primeiras questões.

O ponto de partida em cada cidade foi o estudo de como a vida noturna aparecia, era divulgada, compartilhada e curtida nas redes sociais. Partimos do pressuposto de que as redes sociais virtuais, ou seja, aquelas redes sociais mediadas pelas mídias eletrônicas, tinham um impacto nas formas de sociabilidade juvenil e na intensificação ou não da centralidade das áreas centrais de diversão noturna (TURRA NETO e BERNARDES, 2013). A rede social *Facebook*, naquele momento, constituiu-se num importante campo de investigação, para uma primeira aproximação das áreas em que a pesquisa de campo iria ser ancorada e identificação dos principais estabelecimentos de oferta de vida noturna nas cidades. Reconhecemos em Presidente Prudente que os estabelecimentos que realizavam maior investimento em propaganda e que tinham mais quantidade de seguidores eram também os mais luminosos no contexto da cidade.

Como estratégias metodológicas, adotamos uma sequência de procedimentos operacionais que foram sendo testados, superados ou confirmados como mais adequados para abarcar o fenômeno.

Dos procedimentos que se confirmaram e que foram então seguidos como procedimentos padrão para todas as cidades, o primeiro foi o levantamento no *Facebook* da oferta de diversão noturna nas cidades estudadas, buscando por *perfis*<sup>10</sup> de bares, com indicações de suas características, programações, localização etc. Este primeiro levantamento nos permitiu elaborar uma tabela com nomes de estabelecimentos, horários de funcionamento, endereços (eletrônicos e presenciais na cidade), contatos etc.

Como forma de complementar o levantamento anterior na rede social, realizávamos o levantamento em *sites* da Internet que anunciavam aquilo que existe na cidade em termos de entretenimento, diversão, locais de encontro e festas. Com base nestes dois levantamentos à distância, acreditávamos dispor de um primeiro registro daquela oferta de diversão noturna mais badalada, mais luminosa e que representava ser a de mais altos investimentos nas cidades estudadas, que teriam o perfil da oferta que buscávamos: aquela com maior poder de impactar na reestruturação da centralidade das cidades.

Só depois deste trabalho remoto, passávamos ao primeiro trabalho de campo, cuja função era realizar um reconhecimento da oferta, em que o mapeamento era confrontado com a realidade. Alguns estabelecimentos poderiam ser adicionados ao mapa, outros poderiam ser retirados<sup>11</sup>. Nesse momento, já realizávamos algumas entrevistas com donos de estabelecimentos, a partir dos contatos ainda na fase do levantamento.

Nas entrevistas com donos e gerentes de estabelecimentos, adotávamos o roteiro semiestruturado e seguíamos as orientações de Colognese e Mélo (1998), a respeito dos procedimentos para condução da entrevista e tratamento das informações. Pelo roteiro, procurávamos conhecer tanto a história do estabelecimento, quanto a história da área em que ele está implantado. Perguntávamos sobre a diversidade dos públicos dos bares próximos, destes em

---

<sup>10</sup> “Perfis” e “Páginas” são as nomenclaturas para as seções da rede social *Facebook* nas quais os usuários (perfis pessoais ou profissionais/comerciais) podem fazer publicações textuais, com ou sem fotos e vídeos. Isso permite uma comunicação entre uma comunidade de usuários que utiliza a rede e serve de plataforma para variadas interações. Dentre elas, no nosso caso de estudo, interação entre os clientes e a seção de divulgação de eventos e promoções dos empreendimentos noturnos (bares e baladas). Como essas interações deixam rastros, elas são passíveis de serem inventariadas por um processo investigativo.

<sup>11</sup> Como estamos tratando de investimentos muito voláteis, estabelecimentos que identificávamos pelas redes sociais e nos *sites* de divulgação das cidades poderiam não estar mais operando no momento do trabalho de campo e mesmo alguns estabelecimentos que foram efetivamente investigados na pesquisa nas etapas seguintes, no momento em que a pesquisa se concluí já não estavam mais com as portas abertas, ou haviam mudado de nome.

relação ao público de outras áreas da cidade, sobre as formas de interação do estabelecimento com seus frequentadores, incluindo as redes sociais, dentre outras questões.

Nos próximos trabalhos de campo, buscávamos ampliar as entrevistas aos empresários da noite, bem como aplicar enquetes aos frequentadores dos seus estabelecimentos, como forma de realizarmos diferentes procedimentos sempre nos mesmos locais, para captarmos as interações entre lógicas econômicas e práticas espaciais a elas ligadas. As questões desenhadas nas enquetes versavam sobre a rede de amigos, os locais mais frequentados, as mudanças ao longo do tempo dos locais frequentados, os trajetos pela cidade, considerando os diferentes tempos da noite (o início, o meio e o final), as relações sociais virtuais e sua influência na tomada de decisões de onde ir, bem como um perfil socioeconômico dos frequentadores.

Concomitante a estes procedimentos, continuamos os levantamentos no *Facebook*, mas agora focando nos espaços e estabelecimentos já delineados como mais relevantes ou mais abertos para a pesquisa, que já haviam sido entrevistados e nos quais já havíamos aplicado a enquete com frequentadores. Nesse levantamento, contamos com o apoio de *softwares* (NodeXL e Gephi) que permitiram o mapeamento de redes sociais. Tratava-se da *webmetria*, ou seja, do levantamento de dados em mídias e redes sociais virtuais e da análise quantitativa e estatística (KOZINETTS, 2002); e da análise das redes sociais, que busca investigar as relações, laços sociais, multiplexidade e composição do laço social (RECUERO, 2005). Com isso, conseguimos ter acesso aos principais sujeitos que estão articulados aos estabelecimentos, que chamamos de sujeitos chave, pela sua importância na rede social da casa. Sujeitos que comentavam, compartilhavam, postavam conteúdos nas páginas dos estabelecimentos, ou seja, sujeitos que têm relevância para suas estratégias *online* de propaganda.

Identificados esses sujeitos chave, entrávamos em contato com eles, pelo *Facebook*, para marcar entrevistas, como forma de produzirmos informações de natureza qualitativa para aquelas questões já elencadas nas enquetes. Estes sujeitos também eram “mapeados” em seus perfis do *Facebook*, identificando os estabelecimentos de diversão que curtiam ou que tinham algum tipo de vinculação (o que permitiu o delineamento de alguns prováveis circuitos).

Em cada uma das visitas que fazíamos às cidades, tínhamos também a missão de realizarmos observações sistemáticas sobre a dinâmica dos estabelecimentos que estavam sendo estudados. Essas observações eram registradas em diários de campo e se constituíam também em dados de pesquisa.

Quanto mais tínhamos em mãos os estabelecimentos e seus perfis de consumo e público, assim como alguns nomes e contatos de sujeitos chaves, cada volta ao campo de pesquisa possuía

uma nova perspectiva. Com isso, buscávamos realizar, na medida em que o tempo de estadia no campo nos permitia, algumas observações sistemáticas seguidas de etnografia dos locais de estudo, com atenção para a dinâmica dos estabelecimentos que estavam sendo estudados, também registradas em diários de campo.

A parte mais etnográfica da pesquisa será apresentada a seguir, a partir do estudo de caso de Londrina, em que o pesquisador responsável pela cidade teve a oportunidade de ali residir e realizar observações sistemáticas de reconhecimento e pesquisas etnográficas em estabelecimentos selecionados, por um período de sete meses.<sup>12</sup>

### Deambulando por Londrina: Campos exploratórios<sup>13</sup>

*Suave é a noite / É a noite que eu saio  
Pra conhecer a cidade / E me perder por aí  
Nossa cidade é muito grande, e tão pequena...  
Tão distante do horizonte do país [...]*

*Suave é cidade / Pra quem gosta da cidade  
Pra quem tem necessidade de se esconder  
Nossa cidade é tão pequena / E tão ingênua  
Estamos longe demais das capitais  
Longe demais das capitais*

*Engenheiros do Hawaii – Longe demais das capitais (1986)*

Londrina situa-se no Norte do estado do Paraná e contava, em 2014, quando a pesquisa de campo aconteceu, com aproximadamente 550 mil habitantes (IBGE Cidades, 2016)<sup>14</sup>. Constituiu-se historicamente como um centro regional, destacando-se como a mais importante prestadora de serviços do Norte do Paraná, tendo em vista que seus equipamentos urbanos “[...] foram se estruturando sempre mais para atender a região que a própria cidade [...]” (WADA, 1987, p. 84).

Não cabe nos limites do texto, apresentarmos todo processo de formação socioespacial de Londrina. Cabe, contudo, destacar que, ao longo do tempo, foi se consolidando uma espécie de

---

<sup>12</sup> É importante dizer que nem todas as cidades puderam ser estudadas nesse mesmo grau de profundidade, seja porque os pesquisadores principais não podiam residir por um período nelas, seja porque estudantes de iniciação científica, ligados ao Projeto Temático e responsáveis por estudar cada uma das cidades, só podiam realizar pequenas estadias, de modo que a observação, nestes casos, não se constituiu na principal metodologia de produção de dados para a pesquisa, ainda que ela era recomendada e realizada, gerando dados analisáveis.

<sup>13</sup> Este e o próximo tópico são adaptações de excertos da dissertação de mestrado *Geografia da noite: oferta e consumo de diversão noturna em Londrina – Paraná*. O capítulo é o terceiro, intitulado *Construção do objeto de pesquisa: conhecendo as metodologias e a noite de Londrina*, disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/147062>

<sup>14</sup> Consulta realizada no site <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/londrina/panorama>, acessado em agosto de 2020, traz dados mais atualizados, indicando que Londrina contava, em 2019, com 569.733 habitantes.

polarização entre distintas classes de renda em algumas áreas da cidade, especialmente as *zonas norte e sul/sudoeste* em relação ao seu centro tradicional. Na zona norte foram se instalando população de menor renda, o que se reforçou nos anos de 1960 e 1970, com a implementação de grandes conjuntos habitacionais de moradia popular. Enquanto na zona sul, foram se instalando importantes equipamentos urbanos, como universidades e *shopping center*, bem como, mais recentemente, condomínios residenciais horizontais e verticais de alto padrão (CUSTÓDIO PEREIRA, 2016). É justamente nessa porção ao sul da cidade que vimos se concentrar a oferta de vida noturna e foi onde ancoramos a pesquisa empírica.

Inicialmente, os trabalhos de campo por Londrina tiveram um caráter exploratório, com o intuito de constatar o que foi levantado previamente através das redes sociais virtuais. Buscamos também identificar outras áreas não apontadas por este levantamento, que poderiam ter escapado a ele. Nesse processo, mapeamos estas áreas com maior precisão, buscando traçar um perfil do público dos diferentes estabelecimentos, identificar o “estilo” ou a “proposta” de cada bar e casa noturna.

O período exploratório da pesquisa se estendeu de janeiro a março de 2014, totalizando 30 saídas de campo. Apesar da dinâmica da noite se intensificar tradicionalmente aos finais de semana (tendência que se confirmou no decorrer da investigação), buscamos apreender a dinâmica da vida noturna na escala temporal da semana como um todo, fazendo o esforço de passar pelas áreas de interesse de domingo a domingo, além de buscar as informações com os proprietários e cidadãos para desvendar se havia algum comportamento corriqueiro para além dos finais de semana. Os trabalhos de campo foram realizados aproximadamente entre as 22h e 6h do dia seguinte, sendo que de segunda a quinta feira tendiam a terminar mais cedo por conta da pouca ou nenhuma atividade, com raras exceções.

Os trajetos foram feitos de carro, com o esforço de circular pelas áreas de interesse apontadas pelo levantamento prévio em diversos momentos diferentes, percorrendo o mesmo circuito repetidas vezes<sup>15</sup>. Este circuito inicialmente foi pensado como estratégia para abarcar, em um tempo menor e com menos gasto de combustível, as diversas áreas identificadas no mapa inicial e nas primeiras saídas de campo. Assim, foi pensado um trajeto que cobrisse o máximo de pontos possíveis, levando em consideração a malha viária da cidade e suas peculiaridades (sentido das ruas, lagos e fundos de vale sem pontes, ruas sem saída, etc.). Contudo, com o tempo, o trajeto que

---

<sup>15</sup> Neste primeiro momento, percorríamos entre 60 e 80 km por noite de trabalho de campo, perfazendo várias vezes o circuito para acompanhar as nuances em diferentes horários ao longo da noite e também as diferenças entre os dias da semana e os períodos do mês.

delineamos se revelou também o mais praticado pelos frequentadores da vida noturna de Londrina, cuja mobilidade é predominantemente realizada por automóvel.

Durante os trajetos, foram feitas paradas para circulação a pé, permitindo uma observação um pouco mais aprofundada dos estabelecimentos, de seus públicos e da dinâmica das áreas. Nessas paradas, foi possível observar elementos como as roupas dos clientes, a música que animava o ambiente, o tipo de bebidas predominantemente consumido, a faixa etária aparente, de que forma os clientes se deslocavam até o estabelecimento (carro, a pé, moto, ônibus etc.), quais veículos transitavam e estavam estacionados no entorno, dentre outros elementos, que buscamos categorizar e que pudessem corroborar para uma análise geral das características da noite londrinense e de seu público.

Além disso, essas pausas na circulação permitiram conversas informais com a clientela, com proprietários, funcionários, guardadores de carros e outras pessoas que acabavam, vez por outra, revelando elementos importantes para a compreensão das dinâmicas que acontecem nestas áreas. Todos os diálogos e impressões foram registrados no diário de campo.

Ao longo dos campos exploratórios, a conformação de eixos e algumas áreas coesas foram revelando uma lógica particular, sendo que certos trajetos e circuitos desenhados pelas práticas espaciais dos sujeitos começaram a evidenciar uma coerência do ponto de vista da atração de públicos específicos (como determinados segmentos de renda mais elevada). Assim, à primeira vista, o que encontramos em campo pareceu apresentar certa homogeneidade de classe, mas se revelou com maior complexidade ao longo da observação participante realizada na etapa seguinte da pesquisa.

Magnani (1996) sugere que deve haver um esforço de categorização e tipificação dos elementos observados, para buscar identificar aqueles que se repetem e os que são exceção. Entretanto, do ponto de vista das identidades dos jovens frequentadores (cuja identificação era buscada no uso e consumo de signos/símbolos das culturas de massa) houve inicialmente uma grande dificuldade para encontrar padrões estéticos. Dessa forma, buscamos elaborar um quadro sintetizando as principais características que pudemos identificar. Nele, foram organizados os principais estabelecimentos de diversão noturna identificados em Londrina, desde o processo de levantamento remoto, através das redes sociais virtuais, até a averiguação em campo.

As categorias utilizadas foram genéricas, a fim apenas de ilustrar as principais características destes estabelecimentos, organizados por eixos viários, tipo de oferta, características da infraestrutura (fachada aberta, fechada ou híbrida, permitindo contato visual entre as partes de dentro e fora do estabelecimento), estilo de música predominante e público alvo. As principais

categorias identificadas/registradas foram: barzinhos (com ou sem música ao vivo); baladas (casas noturnas com capacidade para cerca de 1000 pessoas ou mais); e “barladas” (que são ao mesmo tempo bares, com proposta de serem também baladas, nas quais os frequentadores podem permanecer a noite toda, onde inclusive há, de quando em quando, *shows* maiores, com grupos e/ou bandas). Todo este trabalho resultou também em um novo mapeamento síntese, em que identificamos as áreas, estabelecimentos e trajetos mais luminosos da cidade de Londrina (confira o *Mapa 1*).

A proposta analítica feita por Magnani (1996) faz uma analogia entre a vida noturna e um “espetáculo teatral”, empregando conceitos como cenário, atores, *scripts*, usados para o estudo interno às manchas de lazer. Utiliza conceitos que também levam em consideração o movimento e os fluxos desses atores no espaço, pois estes traçam “trajetos” que podem ou não fazer parte de um “circuito”, como já apresentamos anteriormente.

Esses conceitos somados ao mergulho no campo foram valiosos para a interpretação das práticas espaciais dos jovens na noite. Assim, dentro do contexto do “espetáculo da diversão noturna”, o cenário é representado pela coesão dos estabelecimentos em uma determinada área do espaço urbano, em correlação com a construção histórica das práticas sociais anteriores e atuais dos atores que ali se territorializam. A existência de uma lógica e de uma ciclicidade dessas práticas pode dar a ideia de que de fato existe um *script*, que se repete dentro desse cenário, e acaba sendo seguido pelos atores, em maior ou menor grau e segundo a maior ou menor possibilidade de recursos para consumir a/na noite<sup>16</sup>.

Tendo isso posto, partimos para a segunda etapa da investigação, com um novo recorte investigativo, mudando o foco e também a escala, realizando um mergulho etnográfico nas casas noturnas de Londrina. Nesta etapa focamos a observação empírica nos estabelecimentos com o perfil de “baladas” (foram identificadas quatro delas), buscando compreender seu funcionamento, suas “propostas” e estratégias para atrair o público, o tipo de público alvo, o tipo de atração oferecida e as micro interações que ocorrem no interior dessas casas.

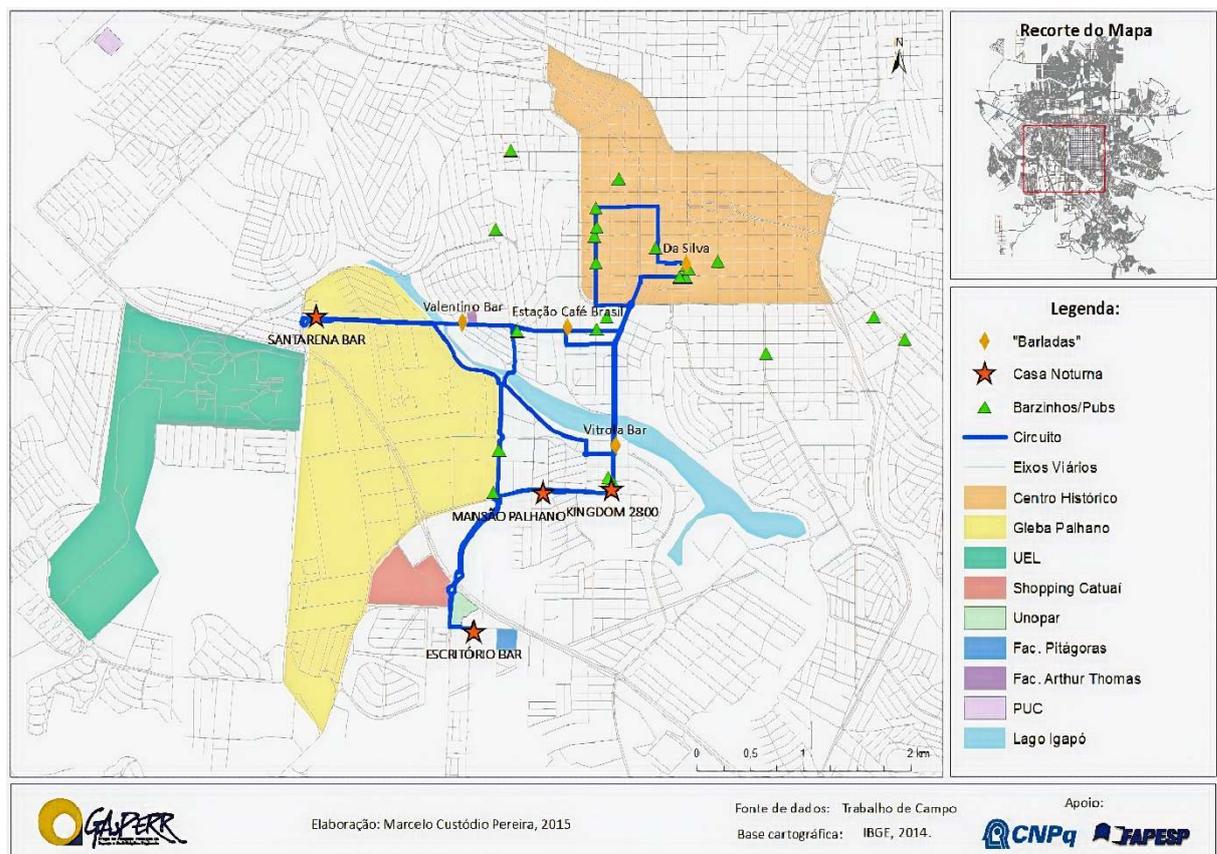
Interessou-nos especialmente investigar tanto as lógicas dos produtores destes locais (os donos das baladas) quanto os sujeitos que ali têm suas práticas de sociabilidade, diversão e “experiências de juventude”. No entanto, buscamos não perder de vista a correlação que existe

---

<sup>16</sup> Deve-se levar em consideração que a analogia proposta por Magnani (1992, 1996, 2005), ao usar o conceito “*script*”, não indica que há um roteiro rígido que é seguido à risca, nem que exista regras específicas e claras que controlem as práticas dos sujeitos. Entretanto, reconhecemos que, mesmo que não sejam rígidas e que haja exceções, as práticas observadas tendem a se repetir de maneira geral, como se houvesse “etapas” com características peculiares que, encadeadas, dariam à dinâmica da noite um “roteiro” que tem início, meio e fim.

entre as práticas circunscritas a esses ambientes e todo o contexto sociocultural (nas mais diversas escalas) em que são produzidos os valores e modelos de diversão e juventude. Além disso, também o que motivou elegê-las foi o fato de receberem centenas de pessoas todos os finais de semana, com um público que tem uma maior filiação identitária com as culturas juvenis produzidas pela cultura de massa, em uma estrutura baseada nos moldes internacionais de diversão noturna.<sup>17</sup>

**MAPA 1: PRINCIPAIS REFERÊNCIAS ESPACIAIS DA NOITE LONDRINENSE, 2015**



Fonte: Custódio Pereira, 2016, p. 160.

## O mergulho etnográfico

*Vou mostrando como sou / E vou sendo como posso  
Jogando meu corpo no mundo / Andando por todos os cantos  
E pela lei natural dos encontros / Eu deixo e recebo um tanto  
E passo aos olhos nus / Ou vestidos de lunetas*

<sup>17</sup> Outras modalidades de diversão noturna também têm um forte apelo às culturas juvenis e com vultoso público, mas são menos sistemáticas, como os chamados “grandes eventos” (shows no Parque de Exposições Gov. Ney Braga, por exemplo), ou as festas promovidas em chácaras. Essa falta de ciclicidade e as diferenças entre um evento e o outro acabam comprometendo um olhar sistemático, o que nos levou a eleger as casas noturnas como objeto de pesquisa.

Esta etapa mais aprofundada da investigação no novo recorte mais específico das “baladas” se estendeu aproximadamente entre Abril e Julho de 2014, somando, no total, 65 saídas de campo e aproximadamente 19 horas e 53 minutos de registro de áudio. As transcrições e registros escritos geraram cerca de 220 páginas de diários de campo<sup>18</sup>. Neste período, além da rica produção de dados em campo, foram realizadas 11 entrevistas semiestruturadas com donos de estabelecimentos e informantes chave (seguranças, fotógrafos, *promoters*) e frequentadores, além de um acervo de fotografias e vídeos organizado durante o processo de investigação empírica.

### **A etnografia como estratégia metodológica**

Se as práticas espaciais e de consumo são centrais no Projeto Temático, é importante mencionar que

As etnografias permitem conhecer mais de perto as formas pelas quais os grupos sociais atribuem significados, estabelecem usos, incluem ou excluem bens de consumo e produtos em suas vidas. Também seria possível captar as formas pelas quais os grupos, através do consumo, traduzem afetos, desejos e relações, construindo determinada visão de mundo. A etnografia sempre foi um modo privilegiado de análise cultural e, por isso, pode desempenhar um papel essencial no entendimento dos sistemas simbólicos que articulam os objetos de consumo e a vida cotidiana dos atores sociais (ROCHA, 2006, p. 33).

Lofland e Lofland (1984, *apud* MAY, 2004, p. 177) argumentam que a observação participante pode ser entendida como “o processo no qual um investigador estabelece um relacionamento multilateral e de prazo relativamente longo com uma associação humana na sua situação natural, com o propósito de desenvolver um entendimento científico daquela associação”. Assim, a Observação Participante configura uma metodologia na qual o pesquisador investiga *in loco* os sujeitos sociais que se constituem em foco da pesquisa, não de maneira distanciada e

---

<sup>18</sup> Importante mencionar que ainda que as saídas de campo sistemáticas (todos os finais de semana, buscando observar desde o momento da abertura até o fechamento dos estabelecimentos numa noite) tenham formalmente acabado em julho, a experiência de campo continuou, com realização de entrevistas e questionários, permitindo últimas observações. Estas se estenderam durante os meses subsequentes, até o início de Dezembro de 2014.

despercebida, mas de maneira participativa e interativa, identificando-se como pesquisador e fazendo parte do dia a dia desses sujeitos.

Ressaltamos a importância dessa metodologia nos estudos sociais e, por extensão, das juventudes, pois

[...] é importante participar nas relações sociais e procurar entender as ações no contexto de uma situação observada. Por que? Porque é argumentado que as pessoas agem e dão sentido ao seu mundo se apropriando de significados a partir do seu ambiente. Assim, os pesquisadores devem tornar-se parte daquele ambiente, pois somente então podem entender as ações daqueles que ocupam e produzem as culturas, definidas como os aspectos simbólicos e aprendidos do comportamento humano, os quais incluem os costumes e a linguagem. É argumentado que essa técnica tem menos tendência a levar os pesquisadores a impor a sua própria realidade sobre o mundo social que procuram entender. (MAY, 2004, p. 176).

Tendo isso em vista, lançamos mão de uma metodologia que aproxima o pesquisador do universo pesquisado, estreitando esta relação e permitindo que, com o contato mais prolongado e horizontal, o pesquisador compreenda melhor o contexto social e possa minimizar a interferência de possíveis preconceitos na sua interpretação. Mesmo sabendo que o resultado desses estudos é sempre uma leitura da realidade a partir do pesquisador, de modo que não é possível, nem crível, uma análise completamente imparcial, a observação participante permite que os próprios valores e visões de mundo do pesquisador sejam relativizados e colocados a prova, no contato com o Outro.

Do ponto de vista da escala, esta metodologia consegue cobrir um recorte pequeno, mas com considerável profundidade e densidade. Assim, a observação demanda tempo, tendo em vista a complexidade do exercício de situar-se e dialogar no universo imaginativo que será estudado.

O que o etnógrafo enfrenta de fato [...] é uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. É isso que é verdade em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro: entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedade, fazer o censo doméstico... escrever seu diário (GEERTZ, 1978, p. 7).

Geertz (1978) propõe que deve ser feita uma “descrição densa” da realidade estudada. Esta descrição envolve uma profundidade de análise, que vai além da observação superficial dos eventos. É uma observação que busca compreender as nuances e significados que não são facilmente

identificados, mas que, ao longo de um processo demorado de contato e interlocução, podem ser apreendidos pelo pesquisador.

Para tratar desta “descrição densa”, temos que abordar um dos seus recursos mais importantes: o Diário de Campo. Esse pode ser reconhecido como parte inseparável da metodologia da Observação Participante, onde quase todos os registros são feitos.

Oliveira (1998), seguindo as recomendações de Wright Mills, mesmo sem se remeter diretamente ao diário de campo, ressalta que em pesquisas científicas dessa natureza não se pode descuidar nem mesmo dos mínimos detalhes e das coisas aparentemente mais banais e vagas, uma vez que futuras associações criativas podem surgir justamente daí, por isso, a importância do seu registro.

Essa recomendação é feita por Winkin (1998) e por Turra Neto (2008), quando argumentam que os registros – mesmo de pensamentos vagos e informações aparentemente banais – e a leitura reflexiva do diário de campo devem ser constantes, pois, “a memória pode acabar nos traindo” e há o risco da perda e distorção de informações de grande valia para a investigação. Deve-se anotar desde coisas objetivas, como datas, horários, dados, etc., até as mais subjetivas, relativas às emoções do pesquisador, reflexões, sensações, observações, entre outras. Mesmo porque, no início do processo, ainda não se tem clareza do que poderá se constituir em peça importante para o quebra cabeça que precisará ser montado ao final.

Seguindo estas recomendações, os registros no diário sempre estiveram presentes nos trabalhos de campo, tanto os exploratórios, quanto nos de observação participante, mas somado a novas estratégias de registro, testadas na pesquisa-piloto em Presidente Prudente e aprimoradas ao longo da pesquisa em Londrina.

Essas estratégias estão ligadas ao uso de novas tecnologias da comunicação, mais particularmente dos aparelhos de telefone móvel (*smartphones*). Estes, que já são popularizados entre os jovens investigados, foram recursos indispensáveis nesta pesquisa. Eles não chamavam atenção nem causavam estranhamento nos sujeitos envolvidos, como causaria uma caderneta com anotações sendo feitas à mão – adequada para o registro *a posteriori*, ou em lugares discretos como dentro de um veículo ou num banheiro.

O uso destes aparelhos como recurso de registro de informações se revelou de grande importância do ponto de vista da facilidade e da riqueza de detalhes que foi possível gravar. A descrição permitida evitou que as dinâmicas cotidianas fossem distorcidas pela sensação de vigilância ou “de estar sendo observado e analisado” por um estranho (o pesquisador), que poderia ser o portador do julgamento, especialmente se ficassem evidentes elementos já mencionados, tais

quais cadernetas, filmadoras, câmeras fotográficas, ou até mesmo uma postura do pesquisador que seja incoerente com o ambiente de pesquisa.

Assim, esses novos recursos de registro de informações de diversas naturezas (áudios, vídeos, fotografias, textos, etc.) em um único aparelho (*smartphones*), que é amplamente utilizado pelos jovens (e que se estende cada vez mais para outros recortes de sujeitos sociais) acabaram minimizado, tanto o impacto da presença do pesquisador no universo de pesquisa, quanto sua interferência nesse, permitindo maior naturalidade nas interações observadas.

Os registros foram feitos tanto por mensagens de texto, salvas na memória do aparelho, quanto por registros de voz, fácil e rapidamente executados, aparentando aos sujeitos em campo que o pesquisador estava em uma ligação telefônica, ou trocando mensagens com algum amigo. Isso passou, na maioria dos casos, despercebido dentro do contexto da balada e o registro pode ser feito em tempo real, o que tirou o peso da memória do pesquisador, que precisaria registrar no diário de campo em um momento posterior.

Dessa forma, no período exploratório, foi utilizado como diário de campo uma caderneta e caneta para os registros iniciais, somados a registros de áudio feitos no celular, enquanto fazíamos o trajeto de carro. Com o tempo, os registros na caderneta demonstraram certa ineficiência do ponto de vista de exigir que o veículo estivesse parado, com iluminação, o que levava mais tempo, sendo utilizado somente antes do campo, para o registro de informações importantes para o entendimento da dinâmica de cada noite, como a programação das principais casas, ou grandes eventos que aconteceriam e, posteriormente, para anotações de reflexões ao final do trabalho de campo.

Com o recurso do registro de áudio, as informações foram gravadas de maneira mais espontânea, tanto durante o trajeto de carro quanto nas paradas, com maior detalhamento. Contudo, é importante evidenciar que se, por um lado, esses meios permitiram riqueza e facilidade de registro durante as saídas de campo, por outro, reuniram um volume de informações muito grande, que demandou, posteriormente, muito tempo do pesquisador para a transcrição, cuja falta dificultaria o acesso rápido às informações produzidas. Assim, houve a necessidade de dosarmos os registros – o que foi facilitado com nossa maior familiaridade com o universo de pesquisa – para que não tivéssemos um volume desnecessário de informações irrelevantes e difíceis de tratar<sup>19</sup>.

---

<sup>19</sup> Recomendamos que os áudios sejam transcritos assim que possível após o registro, tanto para que o pesquisador se calibre sobre o que é importante ou não ser registrado, nas próximas saídas, quanto para que o trabalho de gravação não seja acumulado.

Tendo isso em vista, no mergulho etnográfico nas casas noturnas, passamos a mesclar os registros em áudio com os registros em texto diretamente no celular. O elevado ruído nestes ambientes acabou impelindo-nos aos registros de natureza textual que, com o tempo, foram se mostrando mais eficientes do ponto de vista do acesso e tratamento das informações produzidas, sendo recomendada a mescla destes recursos, buscando evitar o exagero ou excesso de preocupação com os registros *in loco*, mas procurar fazê-los já em local adequado e calmo, passando pelo filtro crítico do pesquisador.

Este último recurso de registro em forma de texto era realizado quando se terminavam os trabalhos de campo, no final da madrugada ou no dia seguinte, digitados diretamente no computador, já com algumas reflexões sobre o que foi observado em campo. Durante todo o processo também foram feitos registros foto e videográficos.

É importante mencionar que a construção e escolha desses procedimentos metodológicos se deu ao longo de uma trajetória que vem se acumulando através de outras experiências de pesquisa e correlacionada às leituras dos referenciais teóricos e suas propostas metodológicas, num processo contínuo de melhoria e testagem de estratégias que funcionam ou não em determinados contextos. O próprio desenrolar da pesquisa acabou ajudando a delinear as estratégias. Posto isso, entendemos que é extremamente importante para a pesquisa dessa natureza que não se vá ao campo “engessado” por uma proposta metodológica, mas que se ponderem as técnicas e estratégias já trilhadas por teóricos e outros pesquisadores, adaptando ao contexto que será feita a pesquisa em questão, criando sua própria metodologia, como advoga Ribeiro (1999).

### **A vida noturna e a fragmentação socioespacial em cidades médias**

No geral, as pesquisas desenvolvidas na frente de estudos da diversão noturna, sejam de iniciação científica, sejam de pós graduação, seguindo, em maior ou menor grau, os procedimentos metodológicos apresentados aqui, contribuíram para confirmar e, ao mesmo tempo, relativizar a tese principal, qual seja, de que a vida noturna tende a acompanhar processos mais amplos de produção do espaço urbano, reforçando a tendência hegemônica de fragmentação socioespacial nas cidades estudadas. Isto ficou particularmente evidente nas cidades de Londrina (CUSTÓDIO PEREIRA, 2016), Ribeirão Preto, Presidente Prudente (ZOMBINE, 2017) e São José do Rio Preto (SAKURAI, 2018).

Como confirmação da tese principal, foi constatado que nestas cidades, o centro tradicional perdeu centralidade no que se refere à oferta de vida noturna, em benefício de novas áreas que

despontaram a partir do início do século XXI, como áreas dos investimentos mais recentes e de maior vulto dos empresários da noite.

Tal como visto para a cidade de Londrina, em que a zona sul se afirmou como área do principal circuito de diversão noturna da cidade, também em Ribeirão Preto, os empresários das casas noturnas mais badaladas (em funcionamento no momento da pesquisa) realizaram estratégias bastante racionais nas suas escolhas locacionais e na orientação do *marketing*. Houve pesquisas prévias de mercado, para identificar não só a acessibilidade, mas também a vizinhança e o status social das áreas. Assim, as avenidas que conectam o centro tradicional ao principal *shopping center* da cidade, bem como aos condomínios horizontais fechados de mais alto padrão, e as áreas entre elas foram locais privilegiados dos novos megaempreendimentos de diversão noturna de Ribeirão Preto. Ao mesmo tempo em que se aproximaram do público de mais altos rendimentos, para o qual se destinavam, acabaram reforçando uma nova área central, cujos conteúdos e funcionamento diurno já indicavam a seletividade do público (DAL POZZO, 2015; ZOMBINE, 2017).

Vimos, assim, uma lógica que se repetia nas cidades, o que reforçou a ideia de que a vida noturna, seus centros de coesão de oferta, bem como as práticas espaciais que respondem aos seus apelos acompanham os processos mais amplos de produção do espaço urbano contemporâneos. Esses últimos são fortemente impactados e reforçados pelas desigualdades presentes nas cidades médias estudadas.

No entanto, a tese foi relativizada, ou distendida, em face de algumas evidências empíricas insuspeitadas. Nas entrevistas com donos de estabelecimentos, foi comum a ideia de que em cidades desse porte, uma balada voltada exclusivamente ao que os empresários chamam de “público A e B” não se sustenta, seja porque este público, ávido por novidades, exige uma atualização constante, seja porque tem recursos para viajar e frequentar baladas em grandes centros urbanos. Assim, os empresários da noite precisam desenvolver estratégias para obter o maior retorno ao seu investimento no prazo mais breve possível<sup>20</sup>. Uma das estratégias mais comuns é abrir a casa para um público de mais baixa renda, em dias alternativos da semana, como a quarta feira, em que o preço praticado é mais acessível e o estilo musical pode também variar. Normalmente, é quando se promovem noites exclusivas com música funk, por exemplo (ZOMBINE, 2017; CUSTÓDIO PEREIRA, 2016).

---

<sup>20</sup> Sakurai (2018), em São José do Rio Preto, obteve um depoimento de um empresário que afirmou que o retorno da casa noturna deveria vir em pelo menos seis meses, porque depois disso o fluxo começa a se arrefecer, visto que já não há mais os ares de novidade. Isso alimenta uma lógica de renovação constante. Muitas vezes, a casa noturna simula o próprio fechamento e reinaugura com algumas novidades, ou até mesmo outro nome, mas sob o controle dos mesmos proprietários, apenas para restaurar o interesse do público.

Tendo isso em vista, observamos que a oferta de vida noturna no formato de baladas tem estratégias locacionais que buscam fazer parte dos espaços de consumo e moradia das classes mais abastadas e se apropriar desse status socioespacial. Conseguem, com isso, magnetizar os fluxos para este nicho de mercado e em determinados momentos, deslocando o eixo da centralidade para outras áreas em detrimento do centro tradicional, contribuindo para a produção da fragmentação socioespacial. No entanto, no plano das práticas espaciais dos cidadãos, essa separação classista não acontece de forma plena, pois jovens de mais baixa renda, residentes em outros quadrantes da cidade, também são atraídos e consomem (n)esses locais de diversão, ao passo em que a casa noturna tenta separar os diferentes públicos pelo tempo, sendo as sextas feiras e os sábados, os dias mais concorridos.

Por outro lado, mesmo com todas as estratégias de evitação da mistura social – e os depoimentos dos empresários da noite apresentam muitas delas –, ela é inevitável e isto tem relação com as estratégias do próprio público consumidor das classes de renda mais baixa, que faz altos investimentos (para o seu padrão de consumo) para acessar as baladas “mais exclusivas”, “seletas” ou “diferenciadas”, em que circulam os símbolos da distinção social e da modernidade (BOURDIEU, 1990; 1995).

Nas entrevistas de Zombine (2017), em Ribeirão Preto, por exemplo, duas moças relataram que preferem as baladas da zona sul porque lá tem o “público mais bonito”, enquanto as opções de diversão que se oferecem nas áreas onde residem concentram um público mais “rampeiro”, com o qual preferem “não se misturar”. Contudo, seus recursos lhes condicionam certos limites ao consumo, de modo que preferem comer em casa antes da balada, ou, quando muito, deixam para comer depois, no cachorro quente da esquina; evitam consumir bebidas na balada, organizando-se para um “esquentar”, na casa de amigos – assim, são consumidoras da balada, mas participam pouco do circuito mais amplo do qual elas fazem parte. Além disso, como mulheres, podem aproveitar certas promoções, pois, conforme já comentamos, as próprias casas noturnas buscam atrair público feminino, independente da renda, desde que tenha certos “passaportes de classe”, como constatou Ramos (2017), ou seja, certas características estéticas que estejam alinhadas aos padrões de beleza correntes.

Desse modo, é possível dizer que do ponto de vista das lógicas econômicas, observamos o reforço das tendências de fragmentação socioespacial na escala da cidade, mas que, de alguma forma, há um público que responde a elas, através de suas práticas espaciais, subvertendo, em certa medida, estas lógicas. Isso ficou evidente ao longo de todo o processo de investigação, quando pudemos perceber a permeabilidade dessas pretensas fronteiras de classe que, apesar do discurso

de separação, acabam fazendo parte da lógica dos negócios e da própria disposição espacial interna das casas noturnas.

Essas buscam apartar os setores, criando microterritorialidades (como camarotes e outros setores “exclusivos”), para gerar certa diferenciação de status e capitalizam em cima da necessidade de diferenciação social, vendendo-a aos frequentadores que podem e estão dispostos a pagar, o que significa também que ganham o privilégio de ostentá-la em presença de sujeitos de menores rendimentos. Isso faz com que a própria distinção seja uma mercadoria a ser negociada e exibida, entrando inclusive nos jogos e nas trocas afetivas.

### Referências bibliográficas

ALMEIDA, M.I.M. de; TRACY, M. **Noites nômades**: espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BOURDIEU, P. Espaço social e poder simbólico. In: \_\_\_\_\_. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 149-168.

\_\_\_\_\_. **Physical space, social space and habitus**. Raport 10. Oslo: Universitet Oslo, 1995

CASTRO, L.R. de. **A aventura urbana**: crianças e jovens no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.

COLOGNESE, S. A.; MÉLO, J. L. B. de. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 143-159, 1998.

COMAS ARNOUD, D. Agobio y normalidad: una mirada crítica sobre el sector “ocio juvenil” em La España actual. **Estudios de Juventud**, n. 50/00, p. 9 – 22, 2000.

CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 2004.

CUSTODIO PEREIRA, Marcelo. **Geografia da noite**: oferta e consumo de diversão noturna em Londrina – Paraná. 2016. 214 fl. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia UNESP de Presidente Prudente – São Paulo, 2016. Disponível em <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/147062>.

DAL POZZO, C. F. **Fragmentação socioespacial em cidades médias paulistas**: os territórios do consumo segmentado de Ribeirão Preto e Presidente Prudente. 400 fl. Tese (Programa de Pós Graduação em Geografia). FCT/UNESP. Presidente Prudente, 2015.

DAL POZZO, C. F. **Territórios de autossegregação e de segregação imposta**: fragmentação socioespacial em Marília e São Carlos. 2011. 315 fl. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, UNESP, Presidente Prudente, 2011.

DIÓGENES, G. **Cartografias da cultura e da violência**: gangues, galeras e movimento hip hop. São Paulo: Annablume/ Fortaleza, Secretaria da Cultura e do Desporto, 1998.

FEIXA PAMPOLS, C. F.. La ciudad invisible: territorios de las culturas juveniles. In: MARGULIS, M. et al. **Viviendo a toda**: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades. Santafé de Bogotá: Siglo del Hombre Editores/Departamento de Investigaciones Universidad Central, 1998. p. 83 – 109.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

KOZINETS, R. V. **The field behind the screen: using netnography for marketing research in online communities**. 2002. Disponível em: <<http://www.nyu.edu/pages/classes/bkg/methods/netnography.pdf>> Acessado em: 05/08/2017.

MAGNANI, J. G. C. Da periferia ao centro: pedaços de trajetos. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 35, p. 191 – 203, 1992.

\_\_\_\_\_. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, J. G. C.; TORRES, Lilian de Lucca (org.). **Na metrópole**: fazendo antropologia urbana. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1996. p. 12 – 53.

\_\_\_\_\_. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo Social**, São Paulo, v. 17, no. 2, p. 173 – 205, novembro de 2005.

MARGULIS, M. La cultura de la noche. In: \_\_\_\_\_. et al. **La cultura de la noche**: la vida nocturna de los jóvenes en Buenos Aires. Buenos Aires: Biblios, 1997.

MAY, Tim. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. Tradução: Carlos Alberto Silveira Netto Soares. 3ª Ed. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. Caminhos de construção da pesquisa em ciências humanas. In: \_\_\_\_\_. (org.). **Metodologia das ciências humanas**. São Paulo: EdUNESP, 1998. p. 17 – 26.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

PALLARÉS, J. G.; FEIXA, C. P. Espacios e itinerários para el ocio juvenil nocturno. **Estudios de Juventud**, n. 50/00, p. 23 - 41, 2000.

RAMOS, E. C. M. **Tudo junto e misturado, rolês e fluxos dos jovens da periferia**: capital espacial construído por redes juvenis no campo da diversão e geometrias de poder na cidade. 2017, 477 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP). Faculdade de Ciência e Tecnologia. Departamento de Pós-Graduação em Geografia. Presidente Prudente.

RECUERO, Raquel. Redes Sociais na Internet: Considerações Iniciais. **Revista E Compós**, 2005. Disponível em: < [http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/redes\\_sociais.pdf](http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/redes_sociais.pdf) > Acessado em: 25/09/2017.

RIBEIRO, R. J. Não há pior inimigo do conhecimento que a terra firme. **Tempo Social**, São Paulo, 11 (1): 189-195, maio de 1999.

ROCHA, Everardo. Coisas estranhas, coisas banais: notas para uma reflexão sobre o consumo. In: ROCHA, E.; ALMEIDA, M. I. M.; EUGÊNIO, F. (org.). **Comunicação, Consumo e Espaço Urbano**: novas sensibilidades nas culturas jovens. Editora Mauad/PUC-Rio, 2006. p. 15 – 34.

SAKURAI, R. **Lógicas Econômicas e Práticas Espaciais da Diversão Noturna em São José do Rio Preto/SP**. 2018. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Presidente Prudente: Unesp, 2018.

SHAW, R. Beyond nighttime economy: affective atmospheres of the urban night. **Geoforum**, v. 51, p. 87-95, 2014.

SOBARZO, O. As cidades médias e a urbanização contemporânea. *Cidades*, Presidente Prudente, v. 5, n. 8, p. 277 – 292, 2008.

SPOSITO, M. E. B. Reflexões sobre a natureza da segregação espacial nas cidades contemporâneas. **Revista de Geografia**, Dourados, v. 4, p. 71-85, 1996.

\_\_\_\_\_. Novas formas comerciais e redefinição da centralidade intra-urbana. In: \_\_\_\_\_. (org.). **Textos e contextos para a leitura geográfica de uma cidade média**. Presidente Prudente: [s.d.], 2001a. p. 235 – 253.

\_\_\_\_\_. As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. In: \_\_\_\_\_. (org.). **Urbanização e cidades**: perspectivas geográficas. Presidente Prudente: [s.n.], 2001b. p. 609 – 643.

\_\_\_\_\_. **Lógicas econômicas e práticas espaciais contemporâneas: cidades médias e consumo**. 2011, 43f. Projeto Temático FAPESP (Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, 2011.

SPOSITO, M. E. B.; GOES, E. M. **Espaços fechados e cidades**: insegurança urbana e fragmentação socioespacial. São Paulo: Edunesp, 2013.

TURRA NETO, N.. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava**: territórios e redes de sociabilidade. 2008. 530 fl. Tese defendida no Programa de Pós-Graduação da FCT/UNESP, Presidente Prudente. 2008.

\_\_\_\_\_. **Múltiplas trajetórias juvenis**: territórios e rede de sociabilidade. São Paulo: Paco Editorial, 2012.

\_\_\_\_\_. A noção de geração no estudo das transformações do espaço urbano: contribuições para pensar a relação entre geografia histórica e práticas culturais na produção da cidade. In: OLIVEIRA, F. G. de et. al.. (Org.). **Geografia Urbana**: ciência e ação política. 1ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2014, v. 1, p. 317-342.

TURRA NETO, N.; BERNARDES, A. Relações de interface e centralidade de lazer noturno em Presidente Prudente - São Paulo. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA – SIMPURB –, XIII, 2013, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, UERJ, 2013. – disponível em

<http://www.simpurb2013.com.br/wp-content/uploads/2013/11/GT11-1235-necio.pdf>,  
acessado em março de 2014.

WADA, F. O. Transformações na área central de Londrina – um exemplo a partir das “casas de madeira”. **Geografia**. Londrina. v. 4, p. 77-95. 1987.

WINKIN, Yves. Descer ao campo. In: \_\_\_\_\_. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Campinas: Papirus, 1998. p. 129 – 145.

ZOMBINE, L. da S. **Centralidades do lazer noturno nas cidades de Ribeirão Preto e Presidente Prudente – SP**. 163 fl. Monografia (Bacharelado em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia/UNESP. Presidente Prudente, 2017.